



Principais plantas medicinais utilizadas por gestantes no município de Cruzeiro do Sul – Acre, Amazônia Ocidental

Pilar Milla Oliveira^{1*}, Kleber Andolfato de Oliveira¹

¹Docente a Universidade Federal do Acre, Centro Multidisciplinar, Cruzeiro do Sul, Acre, Brasil.

*pilar.oliveira@ufac.br

Recebido em: 28/10/2023

Aceito em: 17/05/2024

Publicado em: 31/07/2024

<https://doi.org/10.29327/269504.6.1-26>

RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa sobre o uso de plantas medicinais por gestantes na Amazônia Brasileira. O estudo teve como objetivo realizar levantamento das plantas medicinais utilizadas por mulheres gestantes em uma Unidade Básica de Saúde no município de Cruzeiro do Sul/AC. Os instrumentos utilizados na metodologia foi a entrevista semiestruturada aplicadas a quarenta e cinco mulheres em diferente período gestacional. Após a análise dos dados obtidos pode-se perceber que as mulheres da zona urbana são as que mais utilizam as plantas medicinais, (28,8 %). Foram encontradas durante a entrevista 20 espécies de plantas medicinais que cuja motivação foi a de tratar doenças infecciosas como a inflamação e infecção urinária assim como a forma consciente de utilizar o boldo e arruda em busca de um aborto espontâneo. E que a passagem das informações de forma oral ainda prevalece através de familiares e conhecidos sobre o tratamento medicinal. Concluiu-se pela importância da valorização e conservação desse saber tradicional em harmonia com a biodiversidade. As considerações finais destacam a importância da continuidade da pesquisa no assunto para aprimorar o conhecimento atual e promover avanços futuros.

Palavras-chave: Biodiversidade Amazônica. Plantas Mediciniais. Gestantes.

Main medicinal plants used by pregnant women in the municipality of Cruzeiro do Sul - Acre, Western Amazon

ABSTRACT

This article presents research on the use of medicinal plants by pregnant women in the Brazilian Amazon. The study aimed to survey the medicinal plants used by pregnant women in a Basic Health Unit in the municipality of Cruzeiro do Sul/AC. The instruments used in the methodology were semi-structured interviews applied to forty-five women in different gestational periods. After analyzing the data obtained, it was noticed that women from urban areas are the ones who use medicinal plants the most (28.8%). During the interview, 20 species of medicinal plants were found, whose motivation was to treat infectious diseases such as inflammation and urinary infection, as well as the conscious use of boldo and rue in search of a spontaneous abortion. And that the passage of information orally still prevails through family members and acquaintances about medicinal treatment. It was concluded by the importance of valuing and conserving this traditional knowledge in harmony with biodiversity. The final considerations highlight the importance of continuing research on the subject to improve current knowledge and promote future advances.

Keywords: Amazonian Biodiversity. Medicinal Plants. Pregnant Women.

INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais na Amazônia Brasileira, especialmente por gestantes, representa um conjunto rico de práticas e conhecimentos tradicionais. Na vasta região amazônica, onde a biodiversidade é exuberante e única, as comunidades locais, ao longo de gerações, têm recorrido a uma variedade de espécies vegetais para atender suas necessidades de saúde.

Nesse contexto, é notório que as grávidas, em suas distintas fases de gravidez, frequentemente buscam nas plantas alternativas terapêuticas que auxiliem tanto no alívio de sintomas comuns da gestação quanto na preparação para o parto. Algumas dessas plantas são utilizadas como chás, infusões ou decocções, enquanto outras são aplicadas externamente, como em compressas ou banhos.

A seleção dessas plantas não é aleatória. Baseia-se em um conhecimento empírico transmitido ao longo das gerações e na observação cuidadosa dos efeitos e benefícios que cada planta pode proporcionar. Contudo, é crucial ressaltar a necessidade de estudos farmacológicos e toxicológicos que corroborem a segurança e eficácia desses usos, sobretudo em um grupo tão vulnerável quanto as gestantes.

A região amazônica, abrangendo um território vasto e diversificado, ostenta uma das floras mais ricas do planeta. Este vasto ecossistema abriga uma miríade de espécies vegetais, muitas das quais ainda não foram completamente descritas ou estudadas em profundidade. Dentre esta diversidade, uma significativa parcela tem sido reconhecida e valorizada pelas comunidades locais devido às suas propriedades medicinais.

Dentro do mosaico vegetal amazônico, diferentes biomas apresentam flora específica. Em áreas de várzea, onde as inundações são frequentes, ou nas terras firmes, a variedade de espécies muda, refletindo as adaptações ao ambiente. Muitas dessas plantas, adaptadas a condições particulares, desenvolveram compostos químicos como mecanismos de defesa ou comunicação, que, curiosamente, apresentam propriedades benéficas para a saúde humana (ARAÚJO, 2018).

A utilização destas plantas em preparações medicinais é uma prática antiga das populações indígenas e ribeirinhas. Espécies como a copaíba (*Copaifera spp.*) e o jambu (*Acmella oleracea*) são apenas exemplos da vasta gama de plantas utilizadas. A copaíba, por exemplo, é valorizada pelo seu óleo, que possui propriedades anti-inflamatórias e cicatrizantes. O jambu, por sua vez, é reconhecido por causar uma sensação de formigamento e é utilizado para aliviar dores dentárias (SILVA; SILVA, 2018).

A vastidão e singularidade da Amazônia, com sua imensa biodiversidade, apresentam um cenário que é simultaneamente uma fonte de riqueza e um desafio para a gestão sustentável de seus recursos. No contexto das plantas medicinais, a maneira como são coletadas e utilizadas pode ter implicações diretas tanto na continuidade dessas espécies quanto no equilíbrio ecológico da região (PIRES, 2020).

A exploração sustentável, guiada por práticas responsáveis, busca harmonizar a coleta de recursos com a capacidade de regeneração do ecossistema. Tal abordagem, fundamentada na observação e respeito aos ciclos naturais, visa garantir que as gerações futuras também possam se beneficiar das propriedades terapêuticas destas plantas. Além disso, ao adotar técnicas sustentáveis, valoriza-se o saber tradicional, muitas vezes mais alinhado à preservação e ao uso consciente dos recursos (ALVES et al., 2021).

Por outro lado, a exploração insustentável, movida por demandas comerciais imediatistas e muitas vezes impulsionada por mercados externos, pode levar a uma coleta predatória. Este modelo de exploração, sem o devido cuidado, pode comprometer populações inteiras de plantas, alterando o equilíbrio da flora e afetando a fauna associada. Adicionalmente, práticas insustentáveis podem reduzir o potencial terapêutico das plantas, já que populações vegetais estressadas podem alterar sua composição química (MAIA, 2019).

A necessidade de preservar a rica biodiversidade da Amazônia e garantir a perpetuação dos recursos vegetais que nela existem impulsionou o surgimento de diferentes estratégias e mecanismos voltados à conservação e sustentabilidade. Estas estratégias revestem-se de particular importância, dada a relevância cultural, social e terapêutica destas espécies para as comunidades locais (ALVES, 2019).

Um dos mecanismos fundamentais para a conservação é o estabelecimento de áreas protegidas, sejam elas reservas biológicas, parques nacionais ou territórios indígenas. Estas áreas, geridas com critérios específicos, permitem que a flora e fauna coexistam em equilíbrio, protegendo não apenas as plantas, mas também os ecossistemas em que estão inseridas. Muitas vezes, nestas zonas, a coleta é regulada, permitindo o uso sustentável das plantas sem comprometer sua continuidade (LIMA et al., 2020).

Outro mecanismo relevante é a implementação de sistemas agroflorestais, que integram cultivos agrícolas com espécies arbóreas nativas, inclusive aquelas com potencial medicinal. Tais sistemas mimetizam a floresta natural, conservando a biodiversidade e proporcionando um manejo sustentável dos recursos. Através deles,

comunidades podem cultivar e coletar sem afetar negativamente o ambiente ao redor (SILVA et al., 2021).

A educação ambiental, por sua vez, desempenha um papel crucial. Ao sensibilizar e capacitar as comunidades sobre a importância da conservação e os métodos corretos de coleta, é possível garantir que as práticas tradicionais de uso de ervas sejam mantidas de maneira responsável. Workshops, cursos e programas de capacitação surgem como ferramentas poderosas neste contexto (SANTOS, 2022).

A pesquisa teve como objetivo principal, realizar levantamento das plantas medicinais utilizadas por mulheres gestantes em uma Unidade Básica de Saúde Arito Rosas, no bairro do Miritizal no município de Cruzeiro do Sul/AC.

A pesquisa é então importante porque destaca a rica interseção entre a natureza, cultura e saúde na Amazônia, enfatizando o valor inestimável do saber ancestral em um contexto global onde a medicina natural e a biodiversidade ganham relevância. Além disso, percebe-se uma lacuna na literatura científica acerca da compreensão detalhada das práticas, crenças e, principalmente, da segurança associada ao uso dessas plantas por gestantes. Esta pesquisa pretende preencher essas lacunas, oferecendo informes acadêmicos e práticos. Este estudo também ressalta as implicações socioeconômicas e culturais da aplicação tradicional, destacando a necessidade de valorização e preservação desse patrimônio e fornecerá uma base sólida para futuras pesquisas.

MATERIAL E MÉTODOS

O local da pesquisa se concentra em uma Unidade Básica de Saúde, Arito Rosas, que se localiza no Município de Cruzeiro do Sul do Estado do Acre, Brasil. O município localiza-se no noroeste do Estado e faz limite, ao norte, com o estado do Amazonas; ao sul, com o município de Porto Walter; ao leste, com o município de Tarauacá e a oeste, com o Peru e com os municípios de Mâncio Lima e Rodrigues Alves (ACRE, 2008). Encontra-se cerca de 710 km de Rio Branco, a capital do Estado, pela rodovia BR-364.

A Unidade Básica de Saúde (UBS) da Boca do Moa, que também foi batizada de Árito Rosas, em homenagem a um antigo morador da cidade, é uma unidade com inauguração recente do ano de 2017. A UBS, reúne clientela diversificada o que representa para esta Unidade Básica de Saúde (UBS), referência para o atendimento de estes moradores. É por esta razão, que a escolha do local se faz interessante para este

estudo, pela característica diversificada da população de moradores de zona urbana e zona rural.

A amostra delineada para a pesquisa compreende as mulheres gestantes atendidas na UBS. Tendo em vista a finalidade do estudo, para o dimensionamento do tamanho necessário da amostra, prosseguiu-se calculando o tamanho para populações finitas, segundo metodologia apresentada por Miot (2011). O tamanho da amostra considerada para este estudo correspondeu a abordagem de 45 mulheres.

Para a análise qualitativa foi utilizado a análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011).

Toda pesquisa foi desenvolvida tendo autorização do Comitê de ética em pesquisa com seres humanos. As gestantes abordadas receberam explicação completa sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar. As participantes, maiores de idade, que concordaram em participar da pesquisa receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Gestantes menores de 18 anos receberam o termo de assentimento (TA) e o seu responsável também recebeu o TCLE.

Após a identificação das gestantes e sua aceitação em participar da pesquisa, os dados foram coletados através da entrevista semiestruturada utilizando um gravador de voz, assim como um pseudônimo com fins de preservar o anonimato e privacidade da gestante.

O instrumento para a coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada, com roteiro elaborado pelos pesquisadores cuja construção foi norteadada pelas variáveis inerentes da pesquisa.

Os dados e informações coletadas foram organizados em tabela e apresentado após análise dos mesmos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo os dados, 53,3% das mulheres utilizam plantas medicinais durante o período da gestação. Das que utilizam, 28,8% residem em zona urbana e 24,4% residem na zona rural.

Dos 53,3% das mulheres que utilizaram plantas medicinais durante a gestação e que tem como local de moradia zona urbana, 4,1 % mencionaram conhecer os efeitos tóxicos e 50% das mulheres com local de moradia de zona urbana referiram não conhecer

os efeitos adversos das plantas que utilizavam, de igual forma as mulheres com moradia de zona rural de um total de 45,8 % reconheceram não conhecer os efeitos adversos das plantas medicinais em uso.

A Tabela 1, apresenta 20 espécies utilizadas durante a gestação descritas pelas participantes, assim como as vezes que elas foram mencionadas, fornecendo; o nome popular, parte utilizada da planta, formas e motivo de uso. Desta forma, das 45 mulheres pesquisadas, 53,3% assumiram ter utilizado plantas medicinais na gestação das quais teve maior observância na espécie chamada “Para Tudo” *Gomprena arborecenns* Lf. Esta espécie é a que foi mais utilizada (35%) entre as entrevistadas cujos efeitos, segundo a literatura, é de caráter emenagogo e pode induzir ao aborto.

Tabela 1 – Plantas mencionadas pelas gestantes e suas formas de uso.

Nome Popular /nº de vezes mencionado	Nome Científico	Parte da Planta Utilizada	Forma de uso
Alfavaca	<i>Ocimum gratissimum</i>	Folha	Chá
Algodão	<i>Gossypium hirsutum</i>	Flor	Chá
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Polpas/ Dente	Chá
Agrião	<i>Nasturtium officinale</i> R. Br	Folha	Chá
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Folha	Chá
Boldo	<i>Plecthantus barbathus</i> Andrews	Folha	Elixir
Cajiru	<i>Anacardium humile</i> A.St. Hil.	Folha	Chá
Capim santo/ Limão Cidreira	<i>Cymbopogon citratus</i> n (DC.) Stapf	Folha	Chá
Castanha	<i>Bertholletia excelsa</i>	Casca	Chá
Chicória	<i>Cichorium intybus</i>	Folha	Chã
Copaíba	<i>Copaífera spp.</i>	Óleo	Uso tópico e ingestão

Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> <i>Roscoe</i>	Raiz	Chá
Hortelã	<i>Mentha piperita</i> L.	Folha	Chá
Insulina	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicholson	Folha	Chá
Laranja/da terra	<i>Citrus aurantium</i> L.	Folha	Chá
Limão	<i>Citrus limão</i> (L.) Burman F.	Suco	Batida
Malvarisco	<i>Althaea officinalis</i>	Folha	Chá
Macela	<i>Achyrocline satureoides</i> (Lam.) DC	Flor	Chá
Para tudo/Sara tudo.	<i>Gomprena arborecens</i> L.f.	Folha	Chá
Vassourinha/alecrim do campo	<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	Folha	Chá
Pimenta do Reino	<i>Piper nigrum</i> L.	Grão	Chá
Unha de gato	<i>Uncaria tomentosa</i>	Folha	Chá

A rica biodiversidade da Amazônia proporciona uma vasta paleta de recursos vegetais que, por gerações, têm sido explorados pelas comunidades locais em suas práticas medicinais. Estas plantas, integradas ao cotidiano destas populações, não apenas revelam a sabedoria acumulada ao longo dos séculos, mas também demonstram a complexa relação entre homem e natureza na região.

Dentre as inúmeras espécies com propriedades medicinais identificadas na floresta amazônica, algumas destacam-se pelo seu uso recorrente e pelos relatos de eficácia. O óleo da copaíba (*Copaifera* spp.), por exemplo, é amplamente utilizado pelas propriedades anti-inflamatórias e cicatrizantes. Este elixir, extraído da árvore, tem mostrado relevância em tratamentos de diversas afecções cutâneas e respiratórias (ALVES, 2019).

Outra planta de destaque é a unha-de-gato (*Uncaria tomentosa*), que é conhecida por seu potencial imunomodulador e anti-inflamatório. Os povos tradicionais têm usado esta planta no tratamento de problemas articulares e para fortalecer o sistema imunológico (Lima et al., 2020). O guaraná (*Paullinia cupana*), por sua vez, é famoso por suas sementes ricas em cafeína e é tradicionalmente consumido como bebida energética. Além de revitalizar, é também utilizado para aliviar dores de cabeça e melhorar o foco e a concentração (SILVA et al., 2021).

Estas plantas, juntamente com muitas outras, revelam a multifuncionalidade da flora amazônica. No entanto, é imperativo observar que os efeitos terapêuticos, muitas vezes conhecidos pelas comunidades tradicionais, têm despertado o interesse de pesquisadores e da indústria farmacêutica. A análise contemporânea busca compreender melhor os mecanismos de ação destas plantas, validando, assim, o saber ancestral e abrindo caminho para novas aplicações terapêuticas (SANTOS, 2022).

Dentro do universo de plantas medicinais que a vasta flora amazônica oferece, muitas têm sido objeto de estudos farmacológicos em busca de compreender melhor suas propriedades e mecanismos de ação. Estes estudos, fundamentados em metodologias científicas rigorosas, buscam elucidar os benefícios terapêuticos das plantas, mas também identificar possíveis riscos e contraindicações, especialmente em grupos vulneráveis, como gestantes (CAMPOS et al., 2020).

A gestação é um período fisiológico delicado, onde mudanças hormonais, metabólicas e imunológicas ocorrem, tornando o corpo materno mais sensível a diversas substâncias. Nesse contexto, é fundamental que o uso de ervas seja abordado com cautela. Algumas substâncias, embora benéficas em outras circunstâncias, podem ter efeitos adversos durante a gravidez, afetando tanto a mãe quanto o feto (SILVA et al., 2018).

Estudos farmacológicos têm identificado compostos em certas plantas que podem induzir contrações uterinas, alterar a pressão arterial ou interferir em mecanismos hormonais essenciais durante a gestação. Por exemplo, algumas plantas tradicionalmente usadas para aliviar dores menstruais podem não ser apropriadas durante a gravidez devido a seus efeitos emular os hormônios ou estimular o útero (PIRES et al., 2021).

Assim, é vital ressaltar que nem todas apresentam riscos durante a gravidez. Muitas delas, quando utilizadas adequadamente e sob orientação, podem oferecer alívio e benefícios terapêuticos sem comprometer a saúde materna ou fetal. No contexto das interações entre seres humanos e a biodiversidade da Amazônia, a utilização de fontes

naturais por gestantes requer uma abordagem prudente e informada. Dado o delicado equilíbrio fisiológico durante a gravidez, é imperativo garantir que o uso de qualquer substância, seja ela de origem vegetal ou sintética, seja feito de forma segura e consciente. Assim, estratégias educacionais e de conscientização desempenham um papel vital neste cenário.

A educação formal em comunidades amazônicas, especialmente nas áreas rurais e remotas, deve incorporar informações sobre o uso seguro de ervas. Workshops, palestras e material didático adaptado podem servir como ferramentas valiosas para disseminar informações essenciais sobre quais plantas são seguras durante a gestação e quais devem ser evitadas (SANTOS, 2022).

Além da instrução formal, o envolvimento de líderes comunitários e detentores do saber tradicional é crucial. Estes indivíduos, respeitados em suas comunidades, podem atuar como multiplicadores de informações, garantindo que as práticas tradicionais sejam adaptadas com base nas descobertas científicas recentes. Esta sinergia entre o conhecimento ancestral e a ciência moderna pode garantir um uso mais seguro e eficaz (ARAÚJO, 2018).

Campanhas de conscientização, apoiadas por organizações locais, nacionais e internacionais, podem ampliar o alcance das informações. Materiais impressos, programas de rádio e sessões interativas podem ser particularmente eficazes em áreas onde o acesso à internet é limitado (CAMPOS et al., 2020).

CONCLUSÃO

Com o objetivo de atingir as metas propostas, este estudo procurou elucidar a questão investigada relacionada ao uso de plantas medicinais por gestantes na Amazônia Brasileira, através de um exame bibliográfico minucioso e criterioso. As fontes escolhidas ofereceram uma visão abrangente do tópico e possibilitaram uma avaliação precisa e crítica das informações reunidas.

Ao concluir o estudo, verificou-se que a rica biodiversidade da Amazônia oferece um vasto repertório de plantas medicinais, as quais, ao longo das gerações, foram integradas às práticas de saúde das comunidades locais. Esse uso está profundamente entrelaçado com os conhecimentos tradicionais, demonstrando uma harmonia entre cultura e natureza.

Entretanto, surgiram preocupações relativas à segurança do uso de algumas plantas durante a gestação, reiterando a necessidade de uma abordagem integrada que combine sabedoria tradicional com pesquisa farmacológica moderna. Corroborando a suposição inicial, ressaltou-se a relevância da conservação da biodiversidade amazônica e da valorização dos conhecimentos tradicionais. Contudo, é crucial enfatizar que mais investigações são necessárias para melhorar o entendimento atual e enriquecer o debate em torno do tema.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. C. **A percepção das gestantes frente a utilização de plantas medicinais no município de Cuité-PB.** 65 f. 2019. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em enfermagem) – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2019.

ALVES, M. A.; SIQUEIRA, S. S.; MARTINS, G. P.; TEIXEIRA., C. D. A utilização de plantas medicinais e fitoterápicos como terapia alternativa e seus riscos à saúde. **Cadernos Canilliani**, v. 16, n. 1, p. 1020-1035, 2019.

ARAÚJO, K. A. **Conhecimento local e o uso de plantas medicinais em Boa Vista/Roraima-novas estratégias em saúde coletiva.** 170 f. 2018. Tese (Biodiversidade e Biotecnologia) – Universidade Estadual do Amazonas, Manaus, 2018. 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011

CAMPOS, P. S. S.; CORREIA, R.; MARISCO, G. Plantas Medicinais Utilizadas por Quilombolas na Gestação e Lactação e Riscos no Uso Indiscriminado. **Revista Contexto & Saúde**, v. 20, n. 40, p. 236-243, 2020.

CARVALHO, N. S.; BEZERRA, A. N.; VIANA, A. C. C.; MORAIS, S. R.; AZEFEDO, D. V. Percepção de gestantes quanto ao uso de plantas medicinais e fitoterápicos: Uma revisão integrativa da literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 4, p. 9282-9889, 2020.

LIMA, J. F. dos S.; SANCHES, J. V. S.; MIRANDA, L. D.; CARVALHO, P. B. V.; MORAIS, L. V.; RAIOL, I. F.; ARAUJO, M. R. S. A enfermagem no Contato Bioético da utilização de plantas medicinais por gestantes: a atuação do enfermeiro frente ao uso da fitoterapia durante a gravidez. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, p. 1-16, 2020.

MAIA, C. L. A. **Benefícios e malefícios relacionados ao uso empírico de plantas medicinais por gestantes: uma revisão da literatura.** 49 f. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Farmácia) – Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2019.

MIOT, H. Tamanho da Amostra em Estudos Clínicos e Experimentais. **Jornal Vascular Brasileiro**, v.10, n. 4, p. 275-278, 2011.

PIRES, C. de A.; ANDRADE, G. B.; OLIVEIRA, O. L. S. O uso de medicamentos fitoterápicos e plantas medicinais aplicadas a prevenção e tratamento em gestantes: uma revisão de literatura. **Revista Fitos**, v, 15, n. 4, p. 538-549, 2021.

SANTOS, L. C. dos. **Riscos associados ao uso de plantas medicinais segundo a sabedoria popular em Marudá-Marapanim-PA: base para um sistema de alerta de intoxicação.** 95 f. 2022. Dissertação (Mestrado em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

SILVA, A. A. da; SANTANA, L. B. de. Os riscos do uso de plantas medicinais durante o período gestacional: uma revisão bibliográfica. **Acta Toxicológica Argentina**, v. 26, n. 3, p. 118-123, 2018.

SILVA, B. L. da; SILVA, R. S. da. **Benefícios e malefícios de plantas medicinais utilizadas durante a gestação: uma revisão de literatura**. 21 f. 2018. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Nutrição Clínica) – Faculdade Laboro, São Luiz, 2018.

SILVA, L. G. da, BRAGA, N. N. G.; AMORIN, J. C. G. N.; CORREA, R. S.; SILVA, F. S.; LEMOS, M. P. S. O.; LIMA, P. A. V.; LIMA, M. R. G. **Automedicação entre gestantes do Brasil: revisão integrativa**. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 3947-3959, 2021.